

Missão Portuguesa no Brasil¹

Rui Moreira Leite*

Resumo: Intelectuais portugueses chegaram ao Brasil especialmente de meados dos anos quarenta aos anos cinquenta do século XX. Alguns escolheram vir para cá tendo em vista seus estudos, outros mantinham já relações com escritores brasileiros por anos. Curiosamente, alguns dos primeiros artigos brasileiros publicados por estes autores na imprensa brasileira referiam-se a Fernando Pessoa e alguns dos livros mais importantes escritos sobre este poeta foram publicados vinte anos mais tarde, com seus autores vivendo no Brasil. Como auto-exilados desenvolveram atividades políticas numa frente de oposição à ditadura portuguesa publicando um jornal, o *Portugal Democrático*, defendendo prisioneiros políticos em Portugal, denunciando as atividades da censura. Para muitos deles o golpe militar em 1964 sugeriu que era tempo de recomeçar tudo em outro lugar.

Palavras-chave: Intelectuais portugueses; Brasil; século XX.

Abstract: Portuguese intellectuals arrived in Brazil especially from the middle forties to the fifties. Some chose to come to Brazil because of their studies; others had already been having contact with Brazilian writers for years. Curiously, some of the first Brazilian articles published by those writers in the Brazilian press referred to Fernando Pessoa, and some of the most important books written about this poet were published twenty years later, when their authors were living in Brazil. As self-exiled authors, they developed political activities in opposition to the Portuguese dictatorship, publishing the journal *Portugal Democrático*, defending political prisoners in Portugal and denouncing censorship activities. To many of them, the military coup in Brazil in 1964 suggested it was time to start it all over again elsewhere.

Key words: Portuguese intellectuals; Brazil; 20th century.

Vou me referir à presença de intelectuais portugueses no Brasil no século XX. Com um deles, o artista plástico Fernando Lemos (1926 –), organizei o livro *A Missão Portuguesa: rotas entrecruzadas* (2003), que procurou registrar, tanto quanto possível, não apenas essa presença, mas também eventos aos quais esses intelectuais portugueses estiveram ligados – e iniciativas por eles promovidas.

* Arquiteto e pesquisador, doutor em artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. miraleite@uol.com.br

1. Este texto foi apresentado no encontro *Between Cultures: Brazil/Europe* realizado na Universidade de Yale, em New Haven, nos dias 26 e 27 de março de 2004.

O termo missão é comumente empregado para denominar os grupos de professores franceses e italianos que participaram da formação da Universidade de São Paulo. A vinda desses professores foi o resultado de contatos entre as instituições universitárias, através de autoridades diplomáticas e outras. Nenhum esforço semelhante poderia ter contribuído para vinda ao Brasil de um conjunto expressivo de intelectuais de oposição ao regime salazarista, que em sua maioria adotou a cidadania brasileira, sem deixar de manifestar sua posição sobre a situação em Portugal. De uma certa forma essa missão foi menor que as demais, se for vista apenas pela sua contribuição à Universidade de São Paulo e limitou-se, à época de sua fundação, a três professores apenas. E, por outro lado, foi muito maior, já que esteve presente, ao contrário das outras, em universidades de praticamente todas as regiões do País e estendeu-se ao jornalismo, ao teatro, às artes plásticas.

Os intelectuais desse grupo vieram ao acaso dos constrangimentos sofridos – como Adolfo Casais Monteiro (1908-1972) que, preso em 1937, perdeu a posição de professor de Liceu e não pôde voltar a lecionar nem mesmo em estabelecimentos de ensino particulares, nem assumir a direção de qualquer publicação e para quem, nos últimos anos antes de seu auto-exílio no Brasil, restavam trabalhos de edição e tradução. Ou como Jorge de Sena (1919-1978), que tendo participado na frustrada conspiração da Sé em março de 1959, serviu-se de um convite para o IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros realizado em Salvador naquele mesmo ano para deixar o país.

Entre os primeiros a chegar esteve o capitão João Sarmiento Pimentel (1888-1987) que, tendo tomado parte decisiva na resistência ao golpe deflagrada em 1927 no Porto, seria no Brasil um dos líderes do grupo oposicionista e um dos fundadores em 1956 do tablóide *Portugal Democrático*, que abandonaria com os demais independentes em 1962, diante da intransigência dos comunistas militantes. Escreveria no Brasil seu volume *Memórias do Capitão* (PIMENTEL, 1963) – no qual narra também sua participação na campanha africana em 1915/17 e na supressão do golpe monárquico no Porto em 1919 – estimulado, entre outros, por Jaime Cortesão (1884-1960), Jorge de Sena e Casais Monteiro, livro cuja reedição ampliada só apareceria em Portugal em 1974.

E, tendo mencionado inicialmente o capitão Sarmiento Pimentel, poderia estender agora a relação aos nomes de Jaime Cortesão e Manuel Rodrigues Lapa (1897-1989), seus companheiros na revista *Seara Nova*. Um dedicado aos estudos históricos, outro aos estudos literários, ambos chegaram ao Brasil com planos de trabalho definidos nos quais se empenharam de modo determinado: Cortesão, organizando os arquivos e a biblioteca da Marinha e do Instituto Rio Branco, coordenando a publicação anotada de conjuntos de documentos e empreendendo a revisão histórica do período da descoberta do Brasil e expansão territorial², e

2. Ver Jaime Cortesão (1952; 1944; 1958), entre outros títulos.

Lapa, organizando as edições da poesia dos árcades mineiros e solucionando a questão da autoria das *Cartas Chilenas*³. Opositores que nunca deixaram de se manifestar, foram submetidos a constrangimentos absurdos – Lapa foi interrogado por horas ao ingressar em Portugal já no início dos anos 60 e Cortesão foi detido ao regressar em fins dos anos 50, pouco antes de sua morte, tendo a prisão relaxada possivelmente por interferência do governo brasileiro.

Sugeriria, no entanto, abandonar agora esta relação de nomes e atividades para tentar compreender como este grupo construiu sua relação com o Brasil antes de adotá-lo, temporária ou definitivamente. Nas três primeiras décadas do século XX o contato entre escritores portugueses e brasileiros, a partir da presença de Luiz de Montalvor no Rio de Janeiro, estendeu-se à colaboração de Eduardo Guimaraens e Ronald de Carvalho na revista *Orpheu*. O levantamento minucioso empreendido por Arnaldo Saraiva (1986) contribuiu para alargar a compreensão e reavaliar a extensão destes contatos, que foram menos superficiais e pontuais do que se acreditava.

Mas a partir de 1931, quando se inicia a correspondência de Ribeiro Couto com a direção da revista *Presença*, a repercussão desses contatos muda de natureza. É então que tem início a divulgação sistemática dos autores modernos do Brasil, e em especial de sua poesia, nas páginas da revista, e o esforço de compreensão de suas obras realizado através de ensaios ou artigos mais longos. Como diz Casais Monteiro, autor de ensaios dedicados à obra de Ribeiro Couto, Manuel Bandeira e Jorge de Lima:

Não ignoro que houve sempre relações entre escritores dos dois lados do Atlântico. O que pretendo acentuar é que se tratava, agora, não de amizades pessoais ou contatos meramente literários, mas da expansão entre nós e alcançando um público cada vez mais largo – tão largo que hoje Lins do Rego e alguns outros são hoje editados em Portugal – de poetas e romancistas brasileiros (MONTEIRO, 1964, p. 183).

Ainda nos anos vinte, já José Osório de Oliveira (1900-1964) inicia sua campanha de divulgação em favor da literatura brasileira que se estenderá à década de quarenta – com a publicação de sucessivas antologias de contos, ensaios e poesia – nem sempre à sombra do Secretariado da Propaganda Nacional.

Quando pensamos que o conhecimento da obra de Fernando Pessoa por um público mais largo tem início com a publicação da antologia organizada por Casais Monteiro em 1942⁴, logo seguida pelo primeiro volume da coleção das *Obras*

3. Tomás Antonio Gonzaga (1957).

4. Em dois volumes, num o poeta ortônimo e noutro os heterônimos. Republicados em seguida num único volume (MONTEIRO, 1945).

Completas da Ática, com organização de Luiz de Montalvor e João Gaspar Simões (1942), e que Sá-Carneiro só teve sua poesia publicada em volume nas edições da revista *Presença* na segunda metade dos anos trinta (1937) – constatamos que a moderna poesia brasileira em Portugal ganha nesses anos uma importância decisiva, embora atinja naturalmente um público restrito. Por outro lado, os romances do ciclo nordestino também alcançarão um grande impacto em Portugal naqueles anos e, ao contrário da poesia, conquistarão um número importante de leitores.

Inversamente, quando a obra de Fernando Pessoa começa a ganhar algum espaço em publicações brasileiras, já depois de sua morte, os críticos portugueses passam a ter seus ensaios e artigos publicados em revistas brasileiras. É o que sucede com Casais Monteiro, cujo artigo “O exemplo de Fernando Pessoa” para o *Diário de Notícias* de Lisboa é transcrito no *Boletim de Ariel* em 1938⁵; ou João Gaspar Simões, que tem seu texto “Apresentação de Fernando Pessoa” publicado logo no primeiro número da *Revista do Brasil*⁶.

Da mesma maneira é fácil encontrar, ao longo daqueles anos, um aumento progressivo do interesse pelas publicações e autores portugueses nas revistas brasileiras. O *Boletim de Ariel*, cuja publicação se interrompe em 1938, vai progressivamente concedendo mais espaço aos autores portugueses: estampa inéditos de Fernando Pessoa publicados em Portugal; comentários de Manuel Bandeira a títulos de Alberto de Serpa e Carlos Queiroz; um texto de José Osório de Oliveira registrando a partida de Rodrigues Miguéis. A *Revista do Brasil*, em sua terceira série com direção de Octávio Tarquínio de Souza, publica com regularidade artigos de autores portugueses e cria, a partir do número treze, a seção letras portuguesas, pela qual responde Lúcia Miguel Pereira.

O resultado prático dessas relações é que Casais Monteiro, o autor português mais publicado pela *Revista do Brasil*, com sete artigos, consegue progressivamente, apoiado nas indicações de autores brasileiros e em especial de Ribeiro Couto, tornar-se colaborador sucessivamente do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, dos *Diários Associados*, do *Jornal do Brasil* e d’*O Estado de S. Paulo* quando, após sua prisão, começa a sofrer as restrições que chegarão, quando já em seu auto-exílio, à proibição da publicação de seu nome pela imprensa portuguesa. E, ao radicar-se no Brasil, o primeiro jornal ao qual se integra é um daqueles que já acolhia sua colaboração, *O Estado de S. Paulo*.

E, por fim, o círculo se fecha quando, no final dos anos cinquenta, alguns dos títulos mais importantes sobre Fernando Pessoa são publicados no Brasil por alguns destes escritores portugueses: *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa*, de Casais Monteiro (1958) e *Um Fernando Pessoa*, de Agostinho da Silva (1959). As

5. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, (7):215, abr.1938.

6. *Revista do Brasil*, (1), jul. 1938.

comunicações apresentadas por Casais Monteiro e Jorge de Sena ao Encontro Internacional de Escritores (1954) e ao IV Colóquio Luso-Brasileiro (1959), eventos que lhes permitem vir ao Brasil são, respectivamente: *Fernando Pessoa, o insincero verídico* e *O Poeta é um fingidor*. Já em 1954 é publicada pelo Clube de Poesia de São Paulo a *plquette* com as traduções dos 35 Sonetos de Pessoa realizadas até aquela data por Casais Monteiro e Jorge de Sena (1954).

Existe ainda de certa forma um período intermediário que corresponde à II Guerra, marcado até certo ponto pelas dificuldades de comunicação entre os escritores. É também o momento no qual o Secretariado de Propaganda Nacional português e o Departamento de Imprensa e Propaganda brasileiro editam *Atlântico*, revista luso-brasileira. A publicação é secretariada por José Osório de Oliveira e a relação de colaboradores brasileiros e portugueses, a mais respeitável. Curioso notar que neste período o Secretariado da Propaganda Nacional chega a convidar Mário de Andrade por duas vezes a visitar Portugal, em 1938 e 1943, por intermédio de Gastão Bettencourt.

O que quero sugerir com este quadro esboçado em traços tão largos é que houve uma aproximação devida ao contato direto entre os escritores brasileiros e portugueses que se estendeu, para os portugueses, na colaboração em revistas literárias brasileiras e nos jornais diários, o que facilitou enormemente a integração de alguns deles quando decidiram se exilar voluntariamente no Brasil. Ao interesse pela obra de Fernando Pessoa que contribuíram para despertar no Brasil corresponde a oportunidade que se lhes oferecia de ali publicar seus estudos sobre o poeta.

Mas, uma vez vivendo no Brasil, estes intelectuais entenderam que teriam duas ordens de compromissos a assumir – por um lado junto à vida universitária e ao meio cultural, através de sua atividade e de seus escritos nas áreas de sua especialidade e, de outro, na divulgação das ações arbitrárias da ditadura portuguesa. Nem sempre foi possível distinguir suas atividades como intelectuais das manifestações políticas, como no caso do artigo escrito por Casais Monteiro para o *Jornal da Bahia*, em Salvador, acerca do significado das relações culturais entre uma ditadura e uma democracia, publicado por ocasião do IV Colóquio Luso-Brasileiro, em agosto de 1959 (MONTEIRO, 1959). Nesse artigo, Casais Monteiro revela as implicações contidas na doação da única biblioteca enviada pelo governo português a uma universidade brasileira: a vinda de um professor designado em Portugal não por suas qualidades, mas por sua fidelidade ao regime. As considerações de Casais lhe teriam custado o contrato com a Universidade da Bahia.

Assim este grupo de intelectuais contribuiu decididamente para a criação e o desenvolvimento de dezenas de universidades em todo o País, e o mais notável nos esforços realizados ao longo dos anos seria Agostinho da Silva, que se deslocou de Santa Catarina à Bahia, da Paraíba a Brasília e teria como colega, naquele Estado

do Sul e na capital federal, o filósofo Eudoro de Sousa (1911-1987). Mas organizaram-se também numa frente de oposição à ditadura salazarista, publicaram um jornal, o *Portugal Democrático*, e mobilizaram-se numa série de ocasiões em ações em favor dos presos políticos em Portugal, em denúncia aos atentados à liberdade de expressão – como no caso da apreensão do volume *Quando os lobos uivam* e do processo sofrido por Aquilino Ribeiro.

Não é difícil imaginar as dificuldades para a organização de uma tal frente política, já que deveria abranger figuras remanescentes da Primeira República, liberais, socialistas independentes e comunistas militantes. Ainda assim, foi possível o entendimento no jornal por cerca de seis anos, de 1956 a 1962. Parece ter desempenhado um papel decisivo nos destinos do grupo a chegada a São Paulo de Henrique Galvão — que em 1961 tomara o navio Santa Maria com um grupo de emigrados espanhóis — e do General Humberto Delgado, o candidato derrotado às eleições presidenciais de 1959, que conseguiu asilo no Brasil, com a conseqüente elevação da temperatura das reuniões e encontros.

Mas, quando em 1962 os independentes deixaram o jornal, fizeram-no numa situação muito especial. Eles compunham o corpo editorial e diretivo do jornal, mas não tinham voz sobre o que era publicado, de responsabilidade dos comunistas. Insistiram que gostariam de dispor de duas páginas por número, que sairiam sem qualquer interferência. Os comunistas declararam que as páginas só sairiam se submetidas à sua censura – foi então que o grupo independente abandonou o jornal, como esclareceu na ocasião Casais Monteiro, em carta escrita a Ruy Luís Gomes (1905-1984)⁷. Este matemático, que se estabeleceu em Recife, onde desenvolveu um núcleo de estudos na Universidade Federal de Pernambuco com os colegas José Morgado (1921 –) e Alfredo Pereira Gomes (1919-), era uma das mais importantes lideranças políticas do grupo.

E, afinal, o golpe militar de 1964, a que muitos assistiram como uma edição revista e melhorada daquele realizado em Portugal, para alguns foi o sinal para recomeçar tudo em outro lugar, como fez Jorge de Sena, aceitando o convite da Universidade de Wisconsin. O historiador Joaquim Barradas de Carvalho (1920-1980), que chegou ao Brasil naquele ano, deixaria o País em 1968.

Talvez se possa afirmar que as relações entre estes grupos de intelectuais portugueses e brasileiros se estabeleceram nos anos 30, mas que a vinda e a integração de tantos deles à vida brasileira ocorreram no período posterior, de 1945 a 1964 – entre o fim do Estado Novo de Vargas e o golpe militar. Apenas Fidelino de Figueiredo (1888-1967), entre os intelectuais mais destacados do grupo, chegaria em fins dos anos trinta. Neste intervalo de tempo que correspondeu ao período compreendido entre a redemocratização e a ditadura militar, chegou o núcleo

7. Adolfo Casais Monteiro a Ruy Luís Gomes, Araraquara, 1963.

central do grupo de intelectuais portugueses que se transferiram para o Brasil, e que o fizeram, sobretudo, durante os anos 50. Foram anos particularmente importantes do ponto de vista de iniciativas na área cultural; basta lembrar a II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo – a exposição de artes plásticas mais expressiva realizada até hoje no Brasil – e o conjunto de mostras e eventos realizados quando do IV Centenário da cidade de São Paulo. Concretamente falando, para a II Bienal veio o artista plástico Fernando Lemos e, para o Encontro Internacional de Escritores promovido conjuntamente pela Associação Paulista de Escritores e pela Comissão do IV Centenário de São Paulo, no ano seguinte, veio Casais Monteiro.

Este talvez possa ser apontado como a figura-chave do grupo. Esteve no início dos contatos com o grupo de escritores brasileiros, que se fez através de Ribeiro Couto como um dos diretores da *Presença*. E, assim como teve ligação com os intelectuais mais velhos ainda em Portugal, já que chegou a colaborar na *Seara Nova*, estabeleceu uma relação muito viva com o grupo dos *Cadernos de Poesia*. Notadamente, com Jorge de Sena, que integrava, assim como Castro Soromenho (1910-1968), o grupo excursionista de que fazia parte nos anos 50.

Alguns permaneceram por muito pouco tempo no Brasil, como foi o caso de Eduardo Lourenço (1923-), que lecionou filosofia na Universidade Federal da Bahia, ao tempo em que Casais Monteiro também lá esteve, ligado aos cursos de letras e ao de teatro. Mas ao que contou o próprio Eduardo Lourenço, esta estadia no Brasil foi decisiva para que criasse a perspectiva que lhe permitiu entender que Angola e Moçambique caminhariam para a emancipação.

Do grupo original de intelectuais portugueses alguns nunca sequer visitaram o Brasil, como teria sido o caso de Alberto de Serpa (1906-1992), ligado à *Presença* e secretário da *Revista de Portugal* que manteve uma correspondência volumosa com escritores brasileiros numa espécie de corrente paralela àquela de Casais Monteiro. Já nos anos 50, tornar-se-ia colaborador de João Cabral de Melo Neto nas publicações de sua imprensa manual e da revista *Cavalo de todas as Cores* – como indicam os registros das vinte e cinco cartas de João Cabral conservadas em seu arquivo.

Outra consideração a fazer é que a contribuição destes intelectuais portugueses, muitos deles integrados à vida universitária no Brasil, freqüentemente apenas começava na Universidade. Casais Monteiro teve colaboração regular nos anos iniciais do Suplemento Literário d' *O Estado de S. Paulo*, que daria origem aos seus volumes editados no Brasil: *Clareza e Mistério da Crítica* (MONTEIRO, 1961), *A Palavra Essencial* (MONTEIRO, 1965) e à edição atualizada de seus textos sobre o romance — *O Romance* (teoria e crítica) (MONTEIRO, 1964). Jorge de Sena participaria da comissão federal que estudaria o currículo dos cursos superiores de Letras. Manteve em seus anos de Brasil a coluna Letras Portuguesas no referido Suplemento Literário, esteve na direção da coleção Nossos Clássicos, de divulga-

ção de autores em antologias comentadas, cujo primeiro volume fora *Fernando Pessoa*, de Casais Monteiro. Lapa dirigiu em Minas, numa editora particular, a coleção Textos Literários, concebida também em volumes de pequeno formato e baixo custo. Jaime Cortesão organizou a Exposição Histórica de São Paulo no quadro da história do Brasil para o IV Centenário de São Paulo, que marcou época e para a qual foi possível contar com a colaboração de instituições portuguesas e coleções particulares exibindo documentos escritos ao lado de painéis pintados especialmente para a exposição, objetos, réplicas. Naqueles anos dirigiu a importante coleção Clássicos e Contemporâneos, para a editora Livros de Portugal, do Rio de Janeiro. Vítor Ramos (1924-1974) foi editor da Difusão Européia do Livro e, respondendo à sua solicitação, Casais Monteiro realizou a tradução da *Educação Sentimental*, de Flaubert (1959). Fernando Lemos, associado ao poeta Sidônio Muralha (1920-1982), criou a editora de livros infantis Giroflé.

O entrelaçamento das experiências vividas por alguns dos membros do grupo é muito curioso. O ator e diretor de teatro Luís de Lima (1929-2002), que obteve sua formação na França antes de aceitar o convite para lecionar na Escola de Arte Dramática de São Paulo chegara, ainda muito jovem, a colaborar na publicação *Mundo Literário*, organizada por Casais Monteiro. No Brasil, introduziu os autores do teatro do absurdo, dos quais realizou as primeiras montagens e traduções. Estabeleceu contato com grupos de teatro de cidades do interior de São Paulo e, em Santos, trabalhou com Patrícia Galvão. E, após o 25 de abril em Portugal, levou à cena em Lisboa uma adaptação de *Liberdade, liberdade*, de Millôr Fernandes e Flávio Rangel – espetáculo constituído de uma colagem de cenas e canções, que fora encenado no Brasil após o golpe militar. No Brasil, cantando a liberdade perdida, em Portugal, a liberdade reconquistada.

Referências bibliográficas

CORTESÃO, Jaime. *Cabral e as origens do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1944.

CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores/Instituto Rio Branco, 1952.

CORTESÃO, Jaime. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1958.

FLAUBERT, Gustave. *A educação sentimental*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959, 2v.

GONZAGA, Tomás Antonio. *Poesias Cartas chilenas. Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1957.

LE MOS, Fernando; MOREIRA LEITE, Rui (orgs.). *A Missão Portuguesa: rotas*

entrecruzadas São Paulo/Bauru: Edunesp/Edusc, 2003. 238p.

MONTALVOR, Luiz de; SIMÕES, João Gaspar (orgs.). *Poesias de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ática, 1942.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Fernando Pessoa*, 2.ed., Lisboa: Confluência, 1945.

MONTEIRO, Adolfo Casais; SENA, Jorge de (orgs.). *Alguns dos "35 Sonetos" de Fernando Pessoa*. São Paulo: Clube de Poesia, 1954.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

MONTEIRO, Adolfo Casais. A grande hipocrisia da comunidade. *Jornal da Bahia*, Salvador, 15/16 ago. 1959.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Clareza e mistério da crítica*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *O Romance* (Teoria e Crítica). Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *A palavra essencial*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1965.

PIMENTEL, João Sarmiento. *Memórias do Capitão*. São Paulo: Feldman-Rego, 1963; segunda edição ampliada lançada pela Editorial Inova do Porto em 1974.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Indícios de ouro*. Porto: Presença, 1937.

SARAIVA, Arnaldo. *O modernismo brasileiro e o modernismo português subsídios para seu estudo e para a história de suas relações*. Porto: [ed.], 1986, 3 v.

SILVA, Agostinho da. *Um Fernando Pessoa*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1959.

Recebido em 10 de março de 2006 e aprovado em 11 de agosto de 2006.